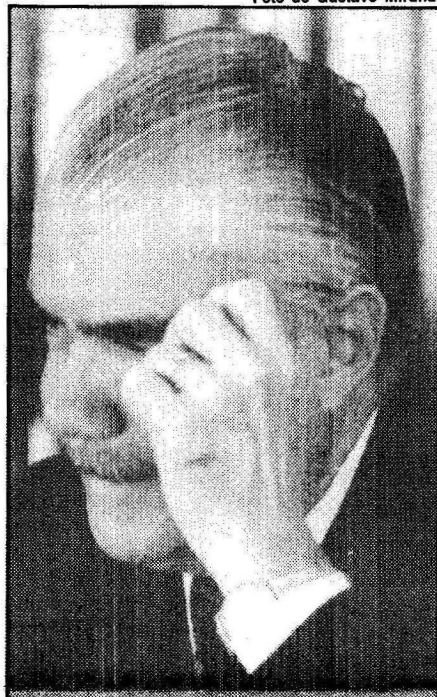


Sarney ordena que ordens sejam cumpridas

Foto de Gustavo Miranda



Sarney prossegue em seu novo método

BRASÍLIA — Depois de traçar as diretrizes de seu Governo e enfatizar que não quer mais divergências entre os Ministérios da Fazenda e Planejamento, o Presidente José Sarney encerrou a reunião de três horas com os Ministros e lideranças da Aliança Democrática com uma determinação: "Quero que minhas ordens sejam cumpridas".

Considerada altamente satisfatória pelo próprio Sarney, a reunião ministerial foi praticamente dominada pelos dois Ministros estreantes da área econômica: Bresser Pereira, da Fazenda, e Aníbal Teixeira, do Planejamento. Assim que as portas se fecharam, Sarney disse que estava preocupado com as notícias de divergências entre eles e, depois de desmentidas pelos próprios Ministros, pediu a atenção de todos para a exposição que fariam sobre a situação econômica.

A exposição de Aníbal Teixeira durou 30 minutos, e Bresser gastou mais 40 minutos para dar um perfil, considerado realista pelos assessores de Sarney, sobre o Ministério herdado de Dilson Funaro e as perspectivas de reorganizar a economia através do plano de consistência econômica que deverá ser divulgado nos próximos dias. Segundo Bresser, a taxa de inflação tende a cair, mas para isso será necessária a ajuda do Governo e da iniciativa privada. Na sua opinião, as empresas privadas estão agora, depois da euforia do Plano Cruzado, com "excesso de pessimismo", o que considera uma "reação psicológica normal de quem apostou na manutenção do consumo".

Bresser alertou para o perigo da recessão, ao afirmar que a taxa de desemprego "não é de pânico", mas que o desaquecimento da economia poderia levar realmente à recessão.

O Ministro da Fazenda não poupou críticas a seu antecessor, embora não tenha citado, por nenhum momento, o nome de Dilson Funaro. Bresser disse, na reunião,

antecessores ficaram mais ligados a repercussões políticas do que aos problemas técnicos e que não se deve menosprezar os conceitos corretos do FMI.

Apesar de explicar que as desavenças com o FMI surgem da parte de alguns economistas do PMDB, o Líder do partido, Senador Fernando Henrique Cardoso, disse que o Governo não deve cortar o diálogo com o organismo internacional.

Em sua exposição, o Ministro Aníbal Teixeira fez um balanço dos programas sociais do Governo; sugeriu o corte imediato do subsídio do trigo; informou que a safra agrícola está garantida com o esquema de estocagem; e comunicou que já está pronto o plano para remover 3.500 favelados e a construção de 500 mil casas populares em vários Estados. Aníbal Teixeira disse, ainda, que está montando um serviço especial de computação (com o apoio dos ministros militares) que permitirá ao Presidente Sarney acompanhar e projetar os dados econômicos.

Durante a exposição dos Ministros, Sarney fez apenas uma rápida intervenção: explicou, com detalhes, a atual situação do Orçamento da União. O último dos Ministros a falar na reunião foi Aureliano Chaves, das Minas e Energia, que desconstruiu o ambiente com a forma simples de argumentar. Ele disse que a gasolina está sobrecarregada de impostos e comparou o produto com um burro de carga: "Se coloca carga demais no burro, ele quebra a espinha". Defendeu a conclusão da usina de Angra dos Reis, concluindo: "Se ficar o leão come, se correr o tigre pega".

O Presidente Sarney não deixou de ressaltar, ao final da reunião, a importância da Constituinte. Ele afirmou que o Governo está interessado em ajudar os constituintes, oferecendo informações necessárias, a fim de que o País tenha uma Constituição digna, sem injunções da contingência da crise. E, por fim, pediu muito trabalho a todos.

que lamentavelmente encontrou o Ministério desorganizado e que, apesar de capacidade, a equipe que recebeu foi marginalizada. Por causa disso, segundo explicou, houve descontrole de preços, dados e informações:

— O descontrole interno do Ministério da Fazenda refletiu na economia geral do País, porque os números não eram confiáveis.

Bresser ressaltou que o Plano que está elaborando será a base para a negociação da dívida externa, um problema que "pesa muito no processo da crise brasileira". Explicou que tem divergências com o FMI, mas que não são as mesmas da equipe anterior. No seu entender, seus